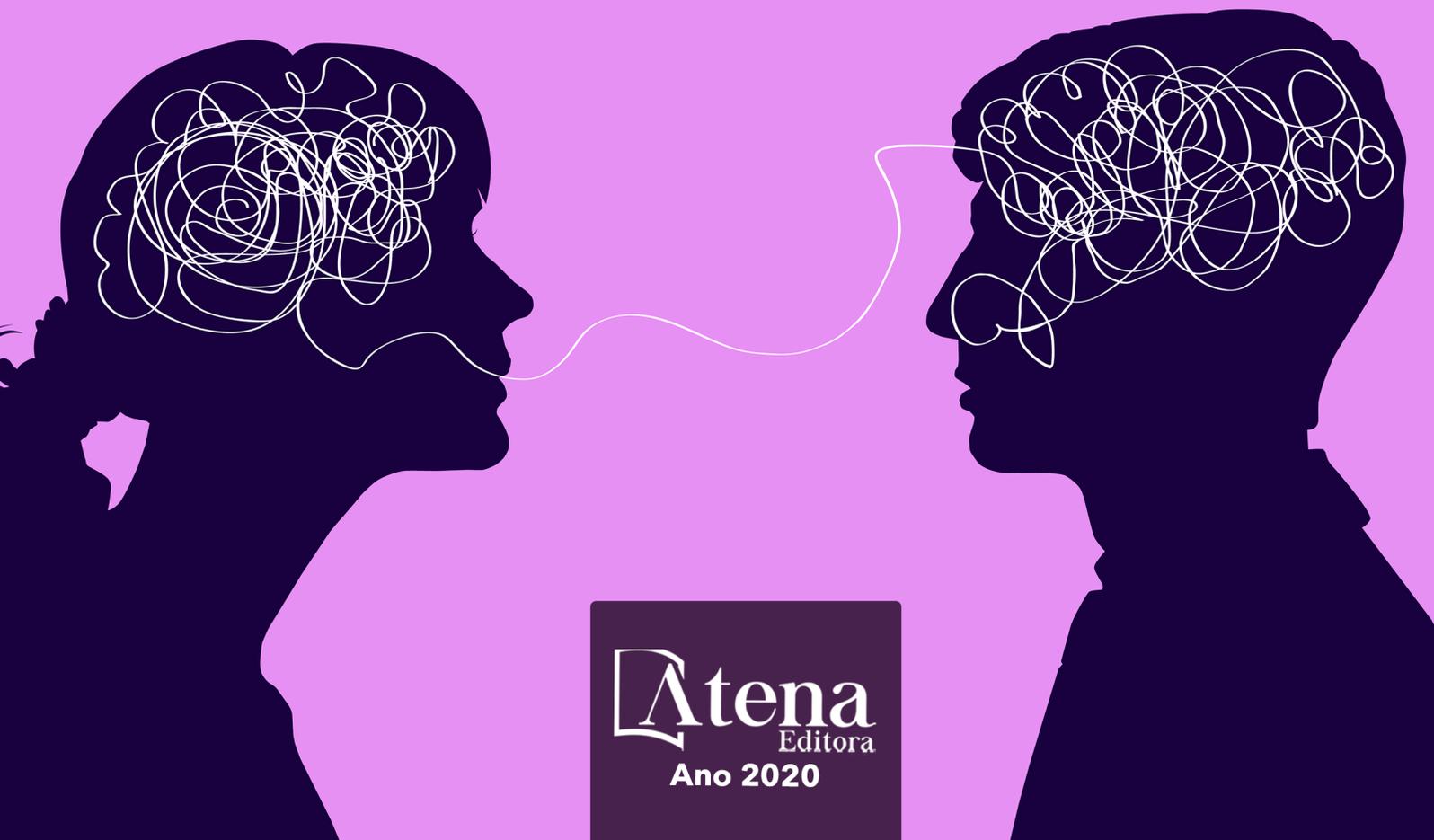


# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES

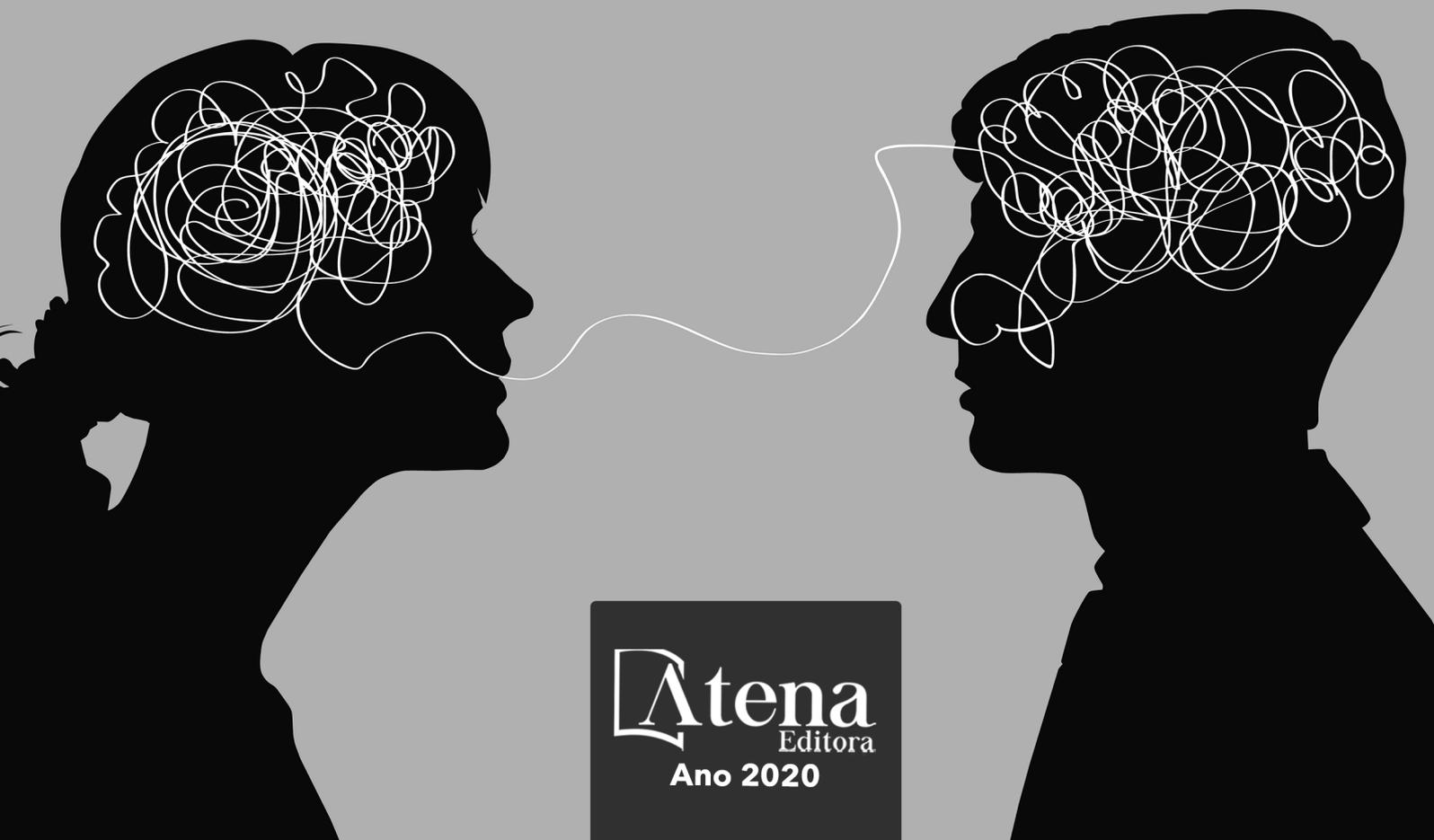
IVAN VALE DE SOUSA  
(ORGANIZADOR)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES

IVAN VALE DE SOUSA  
(ORGANIZADOR)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L755	Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : culturas e identidades / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-025-4 DOI 10.22533/at.ed.254202404  1. Letras. 2. Linguística. 3. Artes. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Neste e-book, as reflexões compõem as áreas de ensino da Linguística, Letras e Artes em uma proposta plural. Quando se tem o contexto de ensino como espaço diversificado do conhecimento, compreende-se que a produção do saber não está associada à política de que os saberes são e devem ser classificados em pequenas caixinhas, sem que não se ofereçam as conexões entre as diferentes áreas da formação humana.

O que tornam necessárias as discussões presentes no referido livro são as noções ampliadas de que a formulação dos conhecimentos ocorre de maneira dialógica, flexível e plural. É nessa diversidade de capítulos que organizam, dão formas, texturas, cheiros e cores ao e-book, que todos os autores disponibilizam suas múltiplas concepções de como o conhecimento pode e deve ser construído, discutido, rediscutido e formulado.

Todos os autores constroem em suas narrativas investigativas um processo de efetivação das oportunidades de aprendizagem, as colocam neste livro de maneira acessível. Sendo assim, nossas reflexões transitam os contextos próprios da Linguística, das análises de obras literárias, isto é, das Letras, e da função que as Artes cumprem em nos encantar, problematizar situações, além de apresentar soluções para tais questões.

Ao escrever esta apresentação de *Linguísticas, Letras e Artes: Culturas e Identidades*, encontro-me, como todo o Brasil, em isolamento social em cuidados contra o inimigo invisível que assola todo o planeta, o covid-19. E, embora, não possamos cumprimentar os nossos interlocutores, sabemos que a essencial necessidade de comunicação do sujeito pela linguagem traz uma luz ao processo de interação e anseios de que dias melhores virão com a aurora anunciada pelas boas notícias.

Nestes tempos sombrios, de muitas mortes, por sinal, medos e tempestades em que a pandemia estar em destaque, amplia-se o discurso *fique em casa*, já que estamos isolados, socialmente, não estamos isolados de acessar o conhecimento capaz de nos acalantar. É, nesse sentido, que os 14 capítulos deste e-book surgem como um bálsamo aos nossos medos e às nossas inseguranças, pois, mesmo que os medos estejam à porta, o saber nos levam além.

Neste livro, propomos a aproximação discursiva entre os termos *culturas e identidades*, posto que linguística, letras e artes compartilham do mesmo contexto de elaboração. Assim, em tempos sombrios e de isolamento social fica a dica de leitura da referida obra, construída em uma proposta plural e disponibilizada a todos. *Fiquemos em casa* com uma excelente e construtiva leitura!

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
COMPETÊNCIA LEITORA: UM ALICERCE PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA	
Edma Regina Peixoto Barreto Caiafa Balbi	
DOI 10.22533/at.ed.2542024041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
TEORIA DA COMPLEXIDADE: ACONSELHAMENTO LINGUAGUISTICO, EMERGÊNCIA E ATRATORES NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	
Isabelly Raiane Silva dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2542024042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
LUSOFONIA EM EXPANSÃO: ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE)	
Gabriella da Silva Araujo	
Regina Helena Pires de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.2542024043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>38</b>
PERCEPÇÃO DE ALUNOS A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	
Denise Medeiros Faria	
Jaliane Soares Borges dos Santos	
Maísa Conceição Silva	
Cristiane Siqueira Pereira	
Rogério Pacheco Rodrigues	
Jakline Soares Borges dos Santos	
Geane Silva Lima	
Natalia Lázara Gouveia	
Janice Soares Borges dos Santos Souza	
Jéssica Campos Silva	
Jordana Américo Zei Andrade	
Waldiclécio Ribeiro Farias	
DOI 10.22533/at.ed.2542024044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
ENSINO DE GRAMÁTICA E TEXTO NA ESCOLA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2542024045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
TOPÔNIMOS LATINIZADOS NA FLORA BRASILIENSIS: O ANO DE 1819 DA MISSÃO AUSTRO-ALEMÃ NO BRASIL	
Leonardo Ferreira Kaltner	
DOI 10.22533/at.ed.2542024046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
UM PERCURSO SOBRE O ROMANCE 'DOIS IRMÃOS', DE MILTON HATOUM	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.2542024047	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
ANÁLISE DE RETRADUÇÕES BRASILEIRAS DO CONTO <i>THE IMP OF THE PERVERSE</i> , DE EDGAR ALLAN POE	
<a href="#">Juan Carlos Acosta</a>	
<a href="#">Patrícia Chittoni Ramos Reuillard</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2542024048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>98</b>
RIGOBERTA MENCHÚ TUM: SUBJETIVIDAD, TESTIMONIO Y ESCRITA AUTO FICCIONAL	
<a href="#">Margareth Torres de Alencar Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2542024049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>109</b>
AS CURVAS DA ESTRADA DO PLAYBOY-HEROI: A MÚSICA DE ROBERTO CARLOS E A DANÇA EM “AS CANÇÕES QUE VOCÊ DANÇOU PRA MIM”	
<a href="#">Diego Santos Vieira de Jesus</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25420240410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>122</b>
KLEZMER E O VIOLINO: DO TEATRO <i>YIDDISH</i> À SALA DE CONCERTO	
<a href="#">Edison Valério Verbisck</a>	
<a href="#">Eduardo Lopes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25420240411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>134</b>
O IMAGINÁRIO SOBRE TECNOLOGIA: ANÁLISE DA REALIDADE VIRTUAL NA SÉRIE BLACK MIRROR E SUA POSSÍVEL UTILIZAÇÃO PUBLICITÁRIA	
<a href="#">Marina Strumiello Rodrigues da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25420240412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>146</b>
PERFORMANCE E DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL: A INCORPORAÇÃO DA TÉCNICA PELA PRÁTICA	
<a href="#">Giovanna Gabriela Farias Machado Pieroni</a>	
<a href="#">Fernanda Nardy Bellicieri</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25420240413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>165</b>
REPRESENTAÇÕES CANIBAIS: ASPECTOS FRAGMENTÁRIOS DA CULTURA CONTEMPORÂNEA – PENSAMENTO ARTÍSTICO A PARTIR DO FILME RAW	
<a href="#">Marcos Pedro da Silva</a>	
<a href="#">Maria Regiane da Silva Lopes Barrozo</a>	
<a href="#">Vinicius André da Silva Appolari</a>	
<a href="#">Andreia Nunes de Castro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25420240414</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>176</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>177</b>

## REPRESENTAÇÕES CANIBAIS: ASPECTOS FRAGMENTÁRIOS DA CULTURA CONTEMPORÂNEA – PENSAMENTO ARTÍSTICO A PARTIR DO FILME RAW

*Data de aceite: 13/04/2020*

*Data de submissão: 28/02/2020*

### **Marcos Pedro da Silva**

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT  
Cuiabá – Mato Grosso  
<http://lattes.cnpq.br/8408831333279047>

### **Maria Regiane da Silva Lopes Barrozo**

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT  
Cuiabá – Mato Grosso  
<http://lattes.cnpq.br/2101756258881763>

### **Vinicius André da Silva Appolari**

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT –  
Cuiabá – Mato Grosso  
<http://lattes.cnpq.br/5067233828573528>

### **Andreia Nunes de Castro**

Universidade Federal de Rondônia – UNIR  
Porto Velho – Rondônia  
<http://lattes.cnpq.br/7758852812995994>

**RESUMO:** Influído pela representação do canibalismo apresentado no filme *Raw* (2016), esse artigo se propõe a refletir e questionar alguns aspectos de uma estética canibal sobrevivente na contemporaneidade. A hipótese artística de um conteúdo e uma estética canibal revelam, para esse propósito, relações humanas especialmente com o

considerado inimigo – o Outro. Justamente essa identificação é questionada aqui sobre o que é verdadeiramente devorado no inimigo, no Outro, não adentrando terrenos ritualísticos ou tribais, porém justificados pelo cenário artístico-cultural que, atraído por temas grotescos, nos canibaliza como amigos sem notarmos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Canibalismo. Antropofagia. Cultura Contemporânea. Estética.

### CANNIBAL REPRESENTATIONS: FRAGMENTARY ASPECTS OF CONTEMPORARY CULTURE – ARTISTIC THINKING FROM THE FILM RAW

**ABSTRACT:** Influenced by the representation of cannibalism presented in the film *Raw* (2016), this article aims to reflect and question some aspects of a cannibal aesthetic that survives in contemporary times. The artistic hypothesis of a cannibal content and aesthetics reveals, for this purpose, human relations especially with the considered enemy - the Other. Precisely this identification is questioned here about what is truly devoured in the enemy, in the Other, not entering ritualistic or tribal lands, but justified by the artistic-cultural scene that, attracted by grotesque themes, cannibalizes us as friends without noticing.

**KEYWORDS:** Cannibalism. Anthropophagy. Contemporary Culture. Aesthetics.

## 1 | REPRESENTAÇÕES CANIBAIS

Antropofagia é a ação de comer carne humana, o que entre humanos é também conhecido como canibalismo. O termo antropofagia vem da junção das palavras gregas *anthropo*, que significa homem, *phagía*, que é comer. Nesse sentido, o grotesco e o bizarro estão presentes na cultura contemporânea em diversas mídias. Atualmente existem inúmeros títulos que podem saciar esse gosto no catálogo da popular plataforma de *streaming*, a Netflix. Entre esses títulos há vários sobre canibalismo, destacaremos aqui, o filme *Raw* (2016).

O filme *Raw* (Grave) causou furor em seu lançamento no festival de Cannes de 2016, com abordagem explícita sobre o canibalismo. Destaca-se nesta obra é o fato que a diretora e roteirista Julia Ducoumau não colocar o personagem canibal como o antagonista. Retratar o canibal como antagonista não é novidade no cinema e na cultura contemporânea, obras audiovisuais retratam constantemente um vilão com tendências gastronômicas questionáveis, temos diversos exemplos: os filmes e seriados sobre o Dr. Hannibal Lecter, o filme da Netflix Amores Canibais, inúmeros filmes de terror e até mesmos videoclipes de bandas de metal.

Nessa concepção, o grupo alemão *Rammstein* é uma banda de metal industrial, com tradição em abordar temas polêmicos em suas letras e clipes. Entre eles temos *Mein Teil*. A música trata de *Armin Meiwes*, um canibal alemão que combinava suas refeições através da internet. O videoclipe da música contém seis personagens visivelmente perturbados e representados pelos próprios músicos da banda. A tradução de *Mein Teil* para o português seria: “Meu Pedaco”, frase que é repetida no refrão da música, seguida por um coro que clama ‘Nein’ (‘não’ em português). No clipe os personagens estão acometidos pela loucura, conflitos internos e violência, mas uma personagem representada pelo baterista Christoph Schneider aparenta estar em pleno controle da situação, e no final do vídeo, ele guia os outros cinco integrantes em coleiras como se fossem cachorros em um passeio pela cidade.

A música e o canibalismo no audiovisual são pontos cruciais dessa reflexão sobre o filme *Raw*. O seriado *Hannibal* faz a música clássica ser a trilha sonora do ato canibal, a banda de metal alemã *Rammstein* dedicou uma música e clipe ao tema, e o filme *Raw* tem a música como ponto crucial da iniciação antropofágica.

No primeiro e mais chocante *plotwist* do filme, a protagonista Justine, interpretada por Garance Marillier tem sua primeira oportunidade de alimentação canibal. A cena inicia com a irmã de Justine, Alexia, interpretada por Ella Rumpf sofrendo um acidente e como resultado seu dedo é decepado. Ambas as personagens estão em um quarto, acompanhadas apenas do cachorro da família, que viria a

servir de álibi no futuro. Alexia ao sofrer com a perda do dedo acaba desmaiando, Justine imediatamente liga para a emergência e é orientada a preservar o dedo da irmã em gelo. Ela pega o dedo caído no chão e sua primeira intenção é preservá-lo na geladeira, entretanto, não encontra gelo. Sua reação então, é sentar em frente a geladeira, pensativa. Ao observar o gotejar do sangue aparado por sua outra mão, passa a lambar o sangue vazado, e em seguida chupa o dedo. Imediatamente começa a morder e depois a morder com intensidade demonstrando muita fome e prazer ao comer. Neste exato momento a trilha sonora muda completamente.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cVuWQIl7ij8>. Aceso em 17 de fev. de 2019.

Até esse momento decisivo a trilha sonora composta por Jim Williams estava discreta, usando de muitos momentos de silêncio total ou longas notas baixas uníssonas. Com a primeira mordida de Justine a música cresce titanicamente com um órgão vampiresco e notas acordes de guitarra. A irmã da protagonista recobra consciência e depara-se com sua caçula lambuzada de sangue e seu membro sendo devorado.

Graficamente a cena causa desconforto, por si só, mas a narrativa preparou o espectador para esse momento, pois a protagonista, passou por uma jornada de transformação. No início do filme a protagonista é uma vegetariana, que experimentou carne durante um trote da faculdade, comendo um pedaço de rim de coelho. A partir de então, passa a sentir um desejo por carne, que para ela era vergonhoso. Esse desejo foi crescendo, levando-a a consumir até carne crua. Portanto, o roteiro vai guiando o espectador até o inevitável. Já a música é uma surpresa, a música de Jim Williams é, ao mesmo tempo, tão macabra quanto grandiosa, e dá ao filme o clima de jornada grotesca. Uma transformação irreversível, o canibal jamais deixará de ser canibal, pelo menos para a tipificação da sociedade, e Justine agora incorporou a própria irmã.

O som de órgão desse ponto chave da trilha sonora digno de aventuras na Transilvânia mantém um tom vilanesco para o acontecimento, e apesar de, o filme não tratar Justine como uma vilã a trilha ajuda a adicionar complexidade à personagem. Esse é, portanto, o ponto crucial de uma existência, é desejo consumado e transformação em um novo ser, que antes era uma garota tímida e desajeitada, e agora passa a ser uma mulher confiante, característica pertencente à Alexia. Portanto, ocorre não apenas uma libertação, mas de fato uma incorporação no sentido antropofágico.

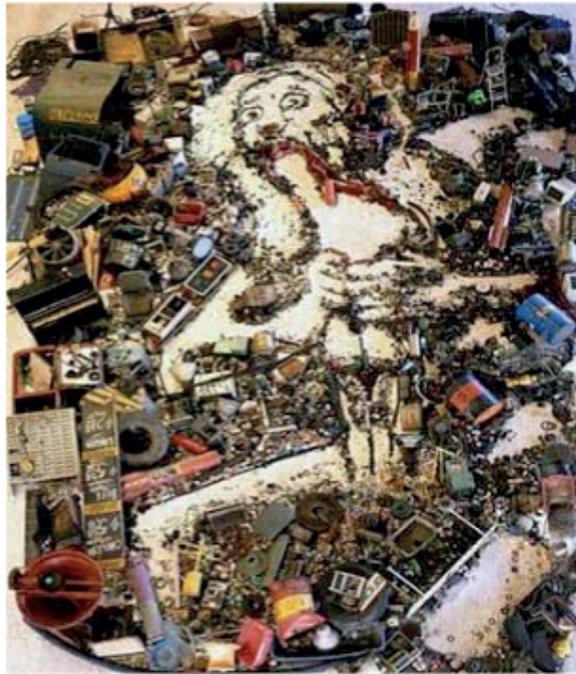
Nesse contexto, a antropofagia é um instrumento literário, fato que contribui para o reconhecimento da alteridade na proporção em que esta parte do pressuposto da devoração da cultura do Outro. A antropofagia, nessa concepção significa um processo de linguagem, por meio do qual a palavra do colonizador é devorada, digerida, subvertida.

Essa deglutição trouxe, para o panorama cultural a exposição de vários trabalhos. Em 2011 Berlim foi sede de uma exposição intitulada “*Alles Kannibalen?*” (“Todos Canibais?”) com trabalhos de mais de 40 artistas nacionais e internacionais. A curadora Jeanette Zwingenberger, em entrevista ao jornal online da emissora internacional da Alemanha de jornalismo independente *Deutsche Welle* (Onda Alemã), resume a perspectiva dos trabalhos expostos como “um conceito ampliado de canibalismo”, que se verifica por meio da “incorporação” (Zwingenberger, in: *Deutsche Welle*, 2011).

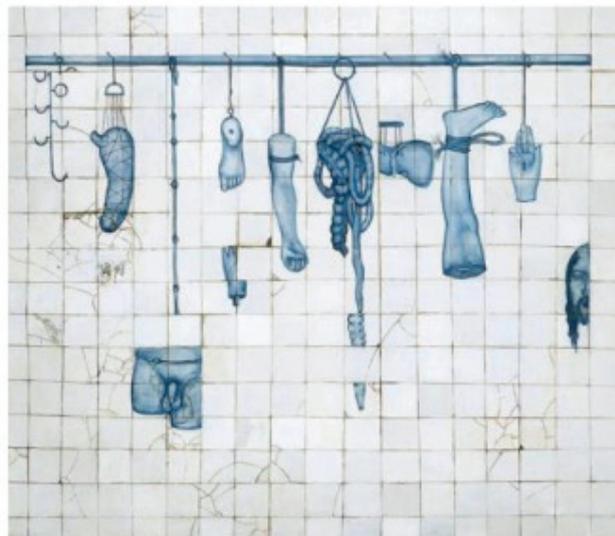
Os artistas brasileiros Vik Muniz e Adriana Varejão participaram dessa exposição insurgindo diferentes questões acerca de uma potencialidade canibal. Muniz relendo Goya sugere um autocanibalismo. Nós destruímos, devoramos a nós mesmos quando a produção de lixo negligenciada é o prato mais prazeroso em favor de um poder. Tal negligência destrói o futuro e os Outros que nele viverão, ou não.

Adriana Varejão confere uma visão mais direta e visceral sobre o nosso próprio devorar, como nos devoramos. Partes de corpos mutilados, vísceras e sangue como tintas em uma parede de azulejos, evidenciam em sua obra um elemento que o texto aproxima para a reflexão; a fragmentação (Zwingenberger, in: *Deutsche Welle*, 2011).

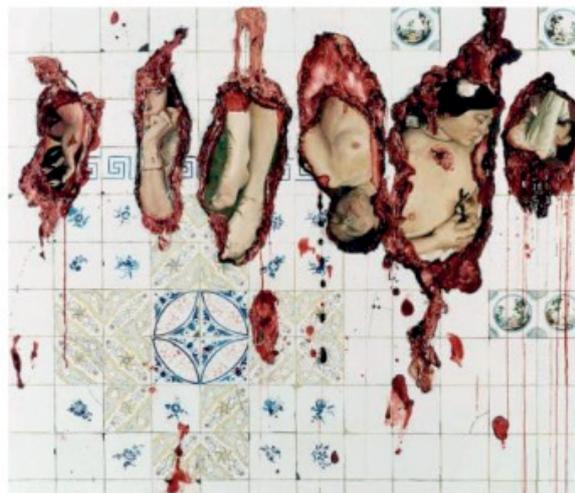
Uma pergunta para fugir às repetições teóricas: Onde, quando ou como vivenciamos uma completude de nossa(s) identidade(s)? Na ausência de resposta única (somos tantas identidades) localizamos uma linha de raciocínio que vai de encontro ao que o antropólogo Claude Lévi-Strauss afirmou em artigo publicado no jornal “*La Republica*”, em 1993, que “somos todos canibais”.



Saturno devorando um dos seus filhos, depois de Francisco Goya. Vik Muniz, 2005.



Carne a mostra. Adriana Varejão, 1993.



Acadêmicos Musas. Adriana Varejão, 1997.



Proposta para uma catequese. Parte I". Adriana Varejão, 1993.

O conceito de leitura das referidas obras de arte como uma “ação” antropofágica, enfoca o papel da percepção imaginante como inauguradora de um processo aberto de construção de sentidos, que buscará atingir como desdobramento crítico em relação ao mundo pelo espectador estabelecendo inserções recíprocas entre a arte e a vida.

O homem é um devorador, está em seu instinto devorar insensivelmente o Outro. É essa característica que irmana a todos, desde o ponto de vista social, econômico ou filosófico. Esta seria a lei que a humanidade repete de forma mascarada, que vai além das religiões e agora sendo retomada de forma consciente e figurativa.

A proposta maior é prevê a antropofagia como o único meio de unir todos os homens de maneira igualitária, mostrando o caráter de interdependência no qual vive submersa a humanidade: “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.” (ANDRADE, 1928).

## 2 | CANIBALIZANDO IDENTIDADES

Ao empregar o termo canibalismo, os artistas supracitados, coloca-o numa dimensão filosófica da antropofagia, na qual acredita que são através dos encontros/confrontos de ideias, valores, conceitos que pode surgir algo diferente. O entendimento que esses artistas nos apresentam é de que não nos alimentamos de carne humana, mas somos canibais quando aceitamos e fazemos parte de qualquer atitude ou organização que fere e aos poucos mata a nós mesmos. O canibalismo como metáfora da cultura contemporânea tem na arte sua representação mais direta ao apresentar pedaços, seja nas obras plásticas, performances ou no cinema.

Em relação ao filme *Raw*, no qual os pedaços fazem parte das descobertas da própria personalidade, no processo sofrido pela personagem que descobre ser canibal após ser levada à experiência de comer carne de animal crua. Por um outro

ponto de vista, o que nos alimenta na metáfora canibal da atual contemporaneidade passaria pelo Outro, e menos por nossas essenciais decisões.

Uma cultura que se molda através do olhar do outro é canibal de si mesma ao decidir tomar a opinião que lhe chega como espelho para se observar. Estamos falando de uma sociedade mundialmente conectada e cada vez mais dependente do Outro, não mais como consumidor direto, mas como avaliador que tem o poder da exposição negativa ou positiva nas mãos. Esse poder só é justificado porque o consumidor, antes mesmo de buscar o produto, busca por este avaliador que poderá determinar sua aquisição (JENKIS, 2009; KARHAWI, 2016).

De acordo com esse ponto de vista, o consumo e a vida social são engolidos por um controle que ao mesmo tempo nos alimenta e nos devora, parte por parte, pedaço por pedaço. O fragmentário na cultura contemporânea parte dessa dinâmica, esse jogo de poder, os dois lados da mesa, o que parece ser um domínio sobre opiniões em redes sociais, se torna justamente o que o outro lado quer saber, e assim canibalizando nossa identidade de poder social.

Autocanibalismo? Afinal, somos todos canibais.

É a partir da deglutição e devoração desse estranho que faremos algo diferente. Portanto, Tarsila do Amaral (1928) transfigura a cultura, em uma concepção canibalista, como se percebe na imagem abaixo.



Obra Abaporu. Tarsila do Amaral, 1928.

**Metafisicamente falando, o rito antropofágico está ligado a:**

[...] transformação do tabu em totem. Do valor oposto, ao valor favorável. A vida é feita de devoração pura. Nesse devorar que ameaça cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu. O que é o tabu senão o intocável, o limite? (ANDRADE, 2011, p.139).

Direcionando a metáfora canibal para as artes, o fragmento se amplia na concepção daquilo que chega a se tornar um método: a colagem. No Brasil, Oswald de Andrade, entre outros, foi um importante adepto dessa prática justificada pelo seu movimento antropofágico a partir, especialmente, da Semana de 22. Décadas depois, a 24<sup>a</sup> Bienal de São Paulo (1998), dedicada ao tema do canibalismo, intitulada: Núcleo Histórico: Antropofagia e Histórias de Canibalismo, ficou conhecida como a Bienal da antropofagia e como abertura estética para uma arte que se pronunciava ocidentalmente desestetizada.

Teóricos como Lévi-Strauss e Freud são referências na literatura dedicada ao canibalismo cultural de Didier Ottinger, que escreveu um artigo apontando os pensamentos do antropólogo e do médico pai da psicanálise citados, a respeito do canibalismo antropofágico. Antropofagia se torna um lugar confortável neste caso, quando a arte é o produto escolhido para olhar a atitude canibal.

A estética canibal é aquela que configurou união entre as artes, palavras coladas em telas, sons vistos por movimentos de cores e texturas, é aquela que permitiu Ser por “contaminação”.

Nessa perspectiva, Antropofagia de imagens, as pinturas de Magritte são “colagens pintadas a mão” de acordo com as palavras de Max Ernst (1891-1976). Trinta obras de Magritte foram selecionadas por Didier Ottinger para o Núcleo Histórico da XXIV Bienal, que ilustram a conexão desse artista com “canibalismo e antropofagia”.

O sentido de canibalismo de imagens refere-se ao método surrealista de criação que se apropria e descontextualiza diferentes imagens passando a fazer parte de uma nova ordem impactante por seu aspecto enigmático. Justaposição, fusão, canibalismo e antropofagia são diferentes palavras que remetem igualmente ao processo ou à metodologia surrealista utilizada por Magritte. Fundem-se na obra de Magritte imaginários de natureza diferente, num processo chamado pelo curador, Didier Ottinger, de “canibalismo fusionista”. Essa dimensão conciliadora de opostos torna-se viável pelo uso da colagem como modelo estrutural.

Se a colagem de Magritte segue efetivamente uma estética “canibal”, no sentido que Lévi-Strauss ou Andrade dão a esse termo, é porque ela visa a absorção, a fusão de categorias julgadas heterogêneas ou contraditórias.

Foucault analisou detalhadamente a hibridação originada, nos quadros de Magritte, da proximidade das palavras com as imagens. Os quadros com palavras, introduzidos em 1927 com *La def des songes* “A chave dos sonhos” procedem também da lógica da colagem. Como a colagem justapõe formas incompatíveis segundo as leis da lógica, Magritte aproxima arbitrariamente palavras e imagens desprovidas de quaisquer vínculos racionais. Na *lef des songes*, uma sacola de mão está próxima da palavra ciel (céu); uma folha próxima da palavra mesa.

A relação estabelecida entre palavras e imagens não se reduz à mera justaposição. O comentário que Foucault faz da inscrição *Ceci n'est pas une pipe* (“Isto não é um cachimbo”) revela a existência de um canibalismo recíproco das palavras e das imagens que encontra meio de se exprimir na hibridação de seus caracteres respectivos. A letra se faz cursiva, se arredonda, se abranda até se aproximar do desenho. A imagem, seguindo caminho inverso, torna-se abstrata até o ponto de flertar com o ideograma.

O caligrama, palavra tornada imagem, é a figura recorrente da análise de Foucault para dar conta da contaminação dos registros da escritura e do icônico.

Outros efeitos de contaminação ocorrem nos quadros contemporâneos das primeiras colagens de Magritte. As colagens de 1926 divertiam-se com a criação de pontes entre música e arte visual, os quadros com palavras confundiam de propósito o texto e a imagem. Em *Le toit du monde* (“O teta do mundo”), de 1926, o biológico se apodera do mineral. *La découverte* (“A descoberta”), de 1927, mostra a imagem de uma hibridação do humano pelo vegetal. No primeiro caso, uma montanha se cobre de uma rede sanguínea; no segundo, uma mulher vê sobre sua pele aparecer veios de madeira.

Em *Les grands voyages* (“As grandes viagens”) de 1926, outro corpo de mulher revela uma paisagem urbana; em *Le seuil de la forêt* (“O limiar da floresta”), do mesmo ano, é uma árvore que se transforma numa alvenaria de tijolos. Essas metamorfoses desvendam a própria essência de uma arte, consubstancial com uma prática, a colagem, cuja ambição é reatar com um mundo mágico, aquele em que Dafne se transforma em loureiro e Jacinto em flor (OTTINGER, 1998).

De fato, o canibalismo e a antropofagia expõe o devoramento, a deglutição, a digestão de herança cultural como possíveis soluções para os impasses culturais. Essa atitude denota certa negação dos padrões hierárquicos estabelecidos, já que, no processo digestivo, ocorre a absorção do estrangeiro, de ambiguidades e contradições. Ela propõe o conhecer daquilo que nos é estranho, desconhecido, estrangeiro, sem ignorar o velho, o conhecido. É a partir desse exercício que ocorre o processo de devoração antropofágica, denominado por Oswald.

O pensamento canibal ou antropofágico nos convida a andar por mapas ainda não conhecidos ou, quem sabe, ainda por serem desenhados. Convida-nos, não à cópia, mas à “devoração” do que já existe para, assim, construirmos algo nosso. A ideia filosófica da antropofagia acredita que são através dos encontros/confrontos de ideias, valores, conceitos que pode surgir algo diferente.

Nessa concepção, não podemos ficar desatentos(as) às mudanças que estão ocorrendo, pois são elas que nos indicarão os caminhos a seguir. Cada caminho é único. A cópia de modelos que deram certo no percurso de um caminho nem sempre dará certo no outro, porém não precisamos ignorar o que já nos é conhecido, mas,

sim, devorá-lo e, a partir da “fusão” do velho e do novo, criar algo próprio.

### 3 | 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O canibalismo como um fenômeno sociocultural, vista como um objeto de estudo (entre outros) da ciência antropológica, nos faz pensar a sob a perspectiva de possibilidade para o estudo de toda e qualquer forma da experiência humana.

Os sentidos que giram em torno dessa proposta de assimilação antropofágica destacada no estudo, não obstante, constituem até hoje matéria inacabada pela sua própria natureza. Mas é indiscutível que há como que um acordo tácito para compreensão de seus sentidos, seja na metáfora positiva da antropofagia, de assimilação cultural, de posicionamento crítico, de interesse (apetite); seja na sua configuração de oposição ao canibalismo, à gula irracional.

Trazendo novamente à nossa cultura contemporânea e atrelado a esta, o conceito de arte a partir da segunda metade do século XX, canibalismo poderia se oferecer como método. Se o consumo da carne humana não se apresenta como um fim em si mesmo, o desejo não está na imagem, no movimento da ação, estaria sim, então, na relação consigo próprio, no mais profundo mergulho interior. Isso porque, para o canibalismo acontecer é necessário o Outro, e é nele que me reconheço. Pois bem, não é canibalismo o consumo de qualquer espécie de carne de origem animal. Comer, ingerir o Outro como eu, é devorar algo em si mesmo, como diz Didier Ottinger, é uma “metamorfose”.

Embora a Antropofagia tenha se apresentado nesse texto como estética historicamente marcada pela fase modernista, ela representa bem mais que os movimentos culturais de um período, é uma forma peculiar de olhar e de pensar o mundo.

O pensamento canibalismo, como mobilização reflexiva, constitui uma trajetória que se organiza pelo acesso ao contexto onde se organizam as informações sociais e psicológicas sobre possíveis modos de vida. Desta forma, a contemporaneidade é construída pela ideia decolonial onde a pergunta “como devo viver” tem de ser interpretada durante uma construção social de múltiplas identidades e respondida em decisões do cotidiano, como o que vestir, o que comer, como se comportar etc. Cada uma destas decisões envolvem uma imensa quantidade de instituições e interesses distantes das necessidades essenciais que julgamos atender ao optar por um ou outro modo de vida.

### REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. Manifesto antropófago. In **Revista de Antropofagia** (Reedição da Revista Literária

publica em São Paulo 1ª e 2ª edições - 1928-1929). São Paulo, 1975.

\_\_\_\_\_. A utopia antropofágica. 4. ed. São Paulo: Globo, 2011.

CASTRO, Eduardo Viveiro de. **Metáforas Canibais**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Foucault, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber** (11a ed., M. T. da Costa Albuquerque & J. A. Guilhon Albuquerque, trads.). Rio de Janeiro: Graal. (Trabalho original publicado em 1976)

JENKIS, H. **Cultura da Convergência**. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KARHAWI, I. **Influenciadores digitais**: o Eu como mercadoria. Em: Elizabeth Saad e Stefanie C. Silveira (Orgs.). *Tendências em Comunicação Digital*. São Paulo: ECA/USP, p. 38 – 58, 2016. Disponível em <http://issuu.com/commaisusp/docs/livro-tendencias-006> Acesso: 20 de fevereiro 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Somos todos canibais**. Tradução do francês por Dorothea Voegeli Passeti. Revista Verve, n. 9, São Paulo: PUC, p. 13-21, 2006.

OTTINGER, Didier. **Do fio da faca ao fio da tesoura: da estética canibal às colagens**. Trad. Cláudio Frederico da Silva Ramos. In: XXIV Bienal de São Paulo — Núcleo histórico: antropofagia e histórias de canibalismo. Vol. 1 Curadores Paulo Nerkenhoff; Adriano Pedrosa. São Paulo: A Fundação, 1998, pp. 264-269.

**Raw. Direção e Roteiro: Julia Ducournau. Elenco: Garance Marillier, Ella Rumpf, Rabah Nait Oufella, Laurent Lucas, Joana Preiss, Bouli Lanners. França/Bélgica, 2016 (99 min).**

XXIV BIENAL DE SÃO PAULO: **Núcleo histórico: antropofagia e histórias de canibalismo**. Vol. I. Curadores: Paulo Herkenhoff e Adriano Pedrosa. São Paulo: A Fundação, 1998.

<https://www.dw.com/pt-br/exposi%C3%A7%C3%A3o-em-berlim-aborda-o-canibalismo-na-sociedade-moderna/a-15238770>

<http://www.adrianavarejao.net>

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Licenciado em Letras: Português/Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins. Licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Antoine Berman 83, 87, 91, 92

Antropofagia 165, 166, 168, 170, 172, 173, 174, 175

Aprendizagem 1, 3, 4, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 24, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60

As canções que você dançou pra mim 109, 110, 111, 118, 120, 121

Atrator 13, 16, 20, 21

Auto ficción 98, 102, 103, 104

### B

Black Mirror 134, 135, 136, 137, 138, 143, 145

Brasil oitocentista 63, 64, 71

### C

Canibalismo 165, 166, 168, 170, 172, 173, 174, 175

Cultura Contemporânea 134, 135, 137, 144, 165, 166, 170, 171, 174

Curso Básico 39, 40, 41, 45

### D

Dança contemporânea 109, 110, 112, 113, 120

Documentário 130, 146, 147, 148, 150, 156, 157, 158, 159, 160, 164

### E

Edgar Allan Poe 83, 84, 86, 88, 96, 97

Emergência 13, 14, 17, 19, 20, 22, 167

Escrita 1, 31, 47, 49, 51, 52, 53, 55, 57, 59, 98, 101, 104, 107, 108

Estética 112, 115, 120, 121, 135, 165, 172, 174, 175

Estratégias 20, 34, 47, 49, 52, 57, 58, 59, 60, 111, 113

### G

Gramática 2, 5, 6, 7, 12, 26, 30, 31, 32, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 176

### H

Historiografia da Linguística 63, 71

## I

Imaginário 25, 75, 82, 115, 116, 120, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 143, 144, 145

## K

Klezmer 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

## L

Latim científico 63

Leitura 1, 5, 8, 9, 10, 12, 27, 33, 34, 51, 53, 56, 57, 58, 59, 62, 84, 85, 88, 141, 155, 164, 170

Libras 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

Língua 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 67, 71, 72, 78, 79, 80, 82, 85, 86, 88, 92, 123, 176

Língua Portuguesa 1, 2, 3, 11, 12, 24, 25, 26, 28, 29, 34, 35, 36, 48, 49, 51, 52, 55, 56, 58, 61, 62, 72, 78, 82, 176

línguas indígenas 63, 64, 70, 71, 72

Livro Didático 6, 21, 24, 26, 27, 30, 37

Lusofonia 24, 25, 26, 36, 37

## M

Música erudita 122

## P

Paradigma da complexidade 13, 15, 22

Performance Art 146, 147, 148, 153, 154, 156, 157, 160, 161, 163

Perversidade 83, 86, 88, 89, 90, 91

PLE 24, 26, 27, 29, 31, 32, 35

Prática Docente 1, 4, 7, 36

## R

Ready-made performático 146, 160, 163

Realidade Virtual 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Retradução 83, 87, 96

Rigoberta Menchú Tum 98, 99, 100, 102, 106

Roberto Carlos 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

## S

Subjetividade 158, 159

## T

Teatro yiddish 122, 123, 124, 127, 128, 131, 132

Testimonio 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105

Texto 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 32, 34, 47, 48, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 78, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 112, 119, 130, 148, 153, 168, 173, 174

## V

Violino 122, 123, 126, 129, 130

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**